



O Apagamento do Sexo e a Renovação do Patriarcado

Isabela Prado Callegari

Mestra em Teoria econômica - Unicamp

Pc.isabela@gmail.com

NEGREM – UNIRIO/UFF

Núcleo de Estudos em Trabalho, Gênero e Raça, a partir do

Materialismo Histórico Dialético

Março de 2025

A Dimensão do Debate

- Embora de forma imediata os direitos recém conquistados e a dignidade das mulheres estejam sendo evidentemente desrespeitados, essa discussão não se resume a banheiros, cotas e esportes femininos.
- Experimentação social e médica com crianças e vulneráveis (pessoas em sofrimento mental).
- Disputa entre formas de organização social (sexo *versus* identidade de gênero).
- Discussão bioética, transição paradigmática capitalista/patriarcal, renovação da dominação masculina.
- Pelo local e momento em que essa disputa inicialmente se deu (EUA e Europa, anos 1970-80), e pelo objeto da discussão, as Feministas Radicais foram e ainda são proeminentes no combate ao anti-feminismo pós-moderno. No entanto, diversas correntes feministas se opuseram desde o início e até hoje ao polimorfismo do conceito de gênero, e ao relativismo e misoginia queer. Esse histórico crítico foi ocultado.
- Bodes expiatórios para o apagamento do sexo: dilema da reprodução para as mulheres e o uso de tecnologias, e pessoas com desordens de desenvolvimento sexual.
- Conceitos manipulados: autonomia, consenso, trabalho e tecnologia.
- Tática política: apresentar esse debate como um conflito geracional. Conservadores *versus* Revolucionários. Quem era contra transgênicos também já foi chamado de conservador. Ausência do questionamento da própria Ideia de Progresso.

Breve Recorrido Histórico

- Rosa Maria Rodríguez Magda (Feminismo da Diferença):
 - Marco conceitual global “trans”, enquanto nos anos 1990 era “pós”. Uma forma de encarar a realidade, própria da contemporaneidade.
 - Identidade – alma / corpo (sexo) / desejo.
 - Margaret Mead (1935) – sexo e temperamento / Simone de Beauvoir (1949) – não se nasce mulher, torna-se mulher / John Money (1955) – existiria uma identidade de gênero que se forma na infância / Robert Stoller (1968) – Sexo e Gênero / Kate Millet (1969) – Política Sexual/ Michelle Rosaldo – Antropologia Feminista / Gayle Rubin (1975) – Sistema Sexo/gênero / Estudos de Gênero / Conferência de Pequim (1995) – perspectiva de gênero.
- Luta Feminista nos anos 1960 – impulsionada pela própria elaboração das mulheres, pelas outras lutas anticapitalistas e pelo período da Segunda Guerra, quando mulheres foram convocadas para a força de trabalho.
- Contexto de Guerra Fria e preferência pela infiltração em movimentos sociais para a sua desarticulação interna.

Correntes Feministas

- Feminismo da Igualdade – buscava libertar as mulheres pelos valores do Iluminismo. Uma democracia feminista, pós-gênero. Acabar com o que nos subordina culturalmente.
- Feminismo Radical - Não recebeu bem o termo gênero e sempre buscou a abolição do gênero, por meio de tecnologias, como a pílula e o aborto, e estratégias como uma nova sexualidade, lesbianismo político, e separatismo.
- Feminismo da Diferença – Busca ressignificar a biologia / culturalizar o sexo. Sororidade, Mãria, maternidade com apego, feminismo materno.
- Queer / Trans – Estratégia é jogar com o gênero. Busca sua identidade por meio do gênero. Performatividade.
- Onde está o feminismo marxista? Na prática, deveria estar próximo ao feminismo da igualdade e indo mais a fundo, no sentido revolucionário. No entanto, se aproximou do queer, ainda que com críticas teóricas.

O Dilema Tecnológico

- Feminismo buscou na tecnologia uma maior autonomia frente à reprodução e não uma identidade ou a negação da natureza. A tecnologia amplia, altera ou ajuda a lidar com a natureza, não a nega.
- Feminismo pós-gênero e tecnoeuforia também estiveram presentes no feminismo radical e no feminismo marxista, no entanto, o primeiro fez um balanço e uma autocrítica nesse sentido, e o segundo, não.
- Nos anos 1970 /1980 – a tecnologia nos libertará da maternidade. Lúcia Falcão, Sulamith Firestone e os úteros artificiais.
- Ter mais autonomia em relação à reprodução nos liberta, mas “se livrar” da maternidade é não apenas abdicar e de um poder político, como também um desejo pós-humano.
- De acordo com Rosa Maria Rodríguez, a tecnologia patriarcal acabou despossuindo as mulheres da maternidade e a transformou em mais um objeto de consumo e de commodificação. Assim como fez com o sexo e as “identidades”.

Caminhos Ideológicos e Misoginia

- Preparação pós-estruturalista (1960/70) para o desprezo pelo corpo e pelo material, e uma exaltação dos significados e símbolos. Consumismo e hedonismo, no breve e localizado Welfare State, que permitiu igualar direitos a desejos.
- Butler aplica Foucault (o poder penetra o corpo), o que, em conjunto com a relativização da diferença sexual, provoca uma inversão. O sexo não existe. O gênero *ad nihilum* é que determina o sexo.
- Desconstrução de todos os valores universais e conceitos da modernidade. O sujeito, o Estado, o Bem Comum, Igualdade, Justiça, pois seriam construções linguísticas derivadas de dispositivos de poder.
- Sedução pelo modelo mental da *Transmodernidade*. Engenharia genética (transgênicos), estar em vários locais ao mesmo tempo (translocal), globalização (transnacional). É como se a identidade estável fosse característica própria da modernidade, o pós é a tentativa de ruptura/negação, e o trans é a superação (tudo junto, em todo lugar, ao mesmo tempo). Mas isso não muda nada estruturalmente.
- É lógico, portanto, que feminismo se converta em transfeminismo (1987 – Sandy Stone).

Transfeminismo e Apagamento

- 2001 – Emi Koyama – Manifesto Transfeminista – “O transfeminismo é principalmente um movimento de e para as mulheres trans que consideram que sua liberação está intrinsecamente vinculada a liberação de todas as mulheres e além. Também está aberto a outros queers, intersexuais, pessoas trans, homens trans, mulheres não trans, homens não trans e outras pessoas que simpatizam com as necessidades de trans”.
- Dois princípios básicos: o direito a definir a própria identidade, e o direito a decidir sem coação sobre a integridade ou transformação dos próprios corpos. Direitos baseados em desejos.
- Nos anos 2000 passa a ser recorrente fora da academia o argumento de que “o sujeito político do feminismo deixa de fora outros corpos”.
- No entanto, o conceito de mulher obviamente contém as particularidades e diversidades de ser mulher. Mas a pretexto de “representatividade”, as mulheres passam a se tornar apenas uma dentre outras “identidades” e “diversidades”.

Manipulação Discursiva e Misoginia

- Diversidade sexual substitui a diferença sexual. Progressivamente estamos sendo anuladas e invisibilizadas, intelectualmente, institucionalmente e politicamente.
- O grande salto discursivo: a diferença sexual não é mais um fato dado, observável, mas uma “práxis heteronormativa”, que não só pode como deve ser combatida e modificada.
- “Mulheres e diversidades”, onde a mulher “cis” é vista como “privilegiada”, por supostamente estar em concordância com as normas de gênero e, para o pós-modernismo, com o poder estabelecido.
- *“Dada a desqualificação de toda política ou racionalidade universal, a alternativa resulta em políticas identitárias de grupos ou indivíduos que imponham sua vontade transgressora e seus desejos subjetivos, quanto mais poderosos, melhor. No caso de que esses grupos entrem em conflito de interesses, a solução ficará nas mãos do mais forte. Na falta de um critério racional e universal, justiça e verdade são efeitos do poder político-econômico do momento, resultado – anti-edípico – da maquinaria capitalista”.* (Binetti et al, 2021, p. 423).

Exploração e Opressão

- Alicia Miyares – *“A diversidade e a identidade combatem à discriminação, mas são inoperantes diante da desigualdade”*.
- A diversidade oculta a desigualdade e a diversidade que não resolve antes a desigualdade é reacionária.
- Os estereótipos voltam e propõe-se a satisfação de desejos como resolução de conflitos e isso oculta a carga de poder entre os sexos e interna à própria construção do desejo.
- Uma coisa é não ser discriminado pela sua aparência, ter pleno acesso ao mercado de trabalho, aos direitos comuns etc. Outra coisa é que a reconfiguração de uma categoria social seja um direito humano, que afeta outro grupo que depende dessa classificação para a efetivação de seus próprios direitos.
- Luta contra opressão descolada da luta contra a exploração. Foco no combate à opressão, independente da superação da exploração ou de uma perspectiva revolucionária é uma característica do identitarismo, que carrega em si uma contra-revolução permanente.
- Mecanicistas de um lado, identitaristas de outro. Falta de dialética entre exploração e opressão.

Pós-modernismo e Distopia

- Abandono do corpo: pós-estruturalismo e misoginia.
- Essencialismo: a natureza é “injusta”, o corpo é errado.
- Identitarismo: o problema seria o branco e não o racismo, o homem e não o machismo, o corpo e não a hierarquia entre os corpos.
- Pós-humanismo: o corpo deve ser combatido, e não as instituições, a estrutura e a socialização patriarcal.
- Fragmentação e inoperância política: O anti-universalismo se dá graças a um universal falacioso, imaginado como uma abstração genérica, sem dialética com as particularidades. Com isso, opta-se pela redução a “micropolíticas moleculares, individualistas e relativistas” (Binetti et al, 2021).
- Ilusão individualista: símbolos estéticos, pronomes e construtos artificiais podem substituir um falo (poder). Fuga da misoginia.
- Desorganização social: perda de legitimidade da ciência, estatísticas falseadas, trabalhadores/as sendo demitidos/as, lésbicas sendo tratadas como homens, crianças e mulheres no geral sendo as mais impactadas.

Solipsismo Sexual: problema filosófico a ser resolvido pela indústria

- Identidade – na alma / no corpo (sexo) / no desejo. Subjetivismo radical.
- Se o gênero antes estava pautado no corpo e agora está no desejo, como determina-lo? Nada melhor para satisfazer desejos do que o mercado capitalista.
- Eu sou o meu desejo. Sou o que consumo. “O caminho para a libertação coincide com o de grandes multinacionais”.
- Transmodernidade: comprar identidades e expô-las, na sociedade, nas redes. Projetar meu desejo nas telas e no mundo, sendo necessário uma aprovação externa para validação do desejo/identidade.
- Ecofeministas – separação dualística sexo gênero continua a separação iluminista e mecanicista entre natureza e cultura, corpo e mente, abrindo caminho para que o sexo e a reprodução virem também matéria amorfa para ser melhorada ou manipulada pela mente/cultura.

Luta contra o corpo: estereótipos e manipulação do corpo pela mente

- *“O paradoxo do nominalismo pós-moderno consiste na essencialização tácita dos regimes socio-históricos contra os quais nada se pode fazer além de resistir, parodiar ou performar.”* (Binetti et al, 2021, p. 424).
- Indeterminação do sexo retorna aos estereótipos mais tradicionais e reacionários. Reforça-se os estereótipos pela indeterminação de saber quem se é. Menina é quem veste rosa, menino é quem veste azul.
- Mas o sexo continua existindo, independente dos discursos. E a diferença sexual precede o gênero.
- Resultado: corpos equivocados. Correção cirúrgica com base em estereótipos. O gênero determina o corpo.
- Paradigma que obedece ao **neoliberalismo**, pela primazia do desejo individual, ao **capitalismo** pela resolução do desejo pelo consumo, e ao **patriarcado**, porque o desejo prevalecente é o masculino. Tudo isso resulta em uma ideologia muito bem aceita e adaptada.

Mercado da Disforia

Gender Dysphoria Market Drivers

Rising Prevalence of Gender Dysphoria

Gender dysphoria is a condition that describes the unease a person may experience due to a discrepancy between their birth sex and gender identity. The increasing prevalence of gender dysphoria is one of the key forces fueling the growth of the Gender Dysphoria Market. A study published in 2021 in the journal The Lancet estimated that the prevalence of gender dysphoria among adults in the United States was around 0.5%, which was significantly higher than the prevalence reported in previous research. As more individuals suffer from this disorder, there is a high probability that the increased demand for gender dysphoria treatments and services will drive growth in the Gender Dysphoria Market.

Estimado em USD 10,2 bi, com potencial de chegar a USD 40,3 bi até 2032, representando um crescimento anual de 16,39%.

***A cifra não contabiliza efeitos colaterais e adoecimento posterior.**



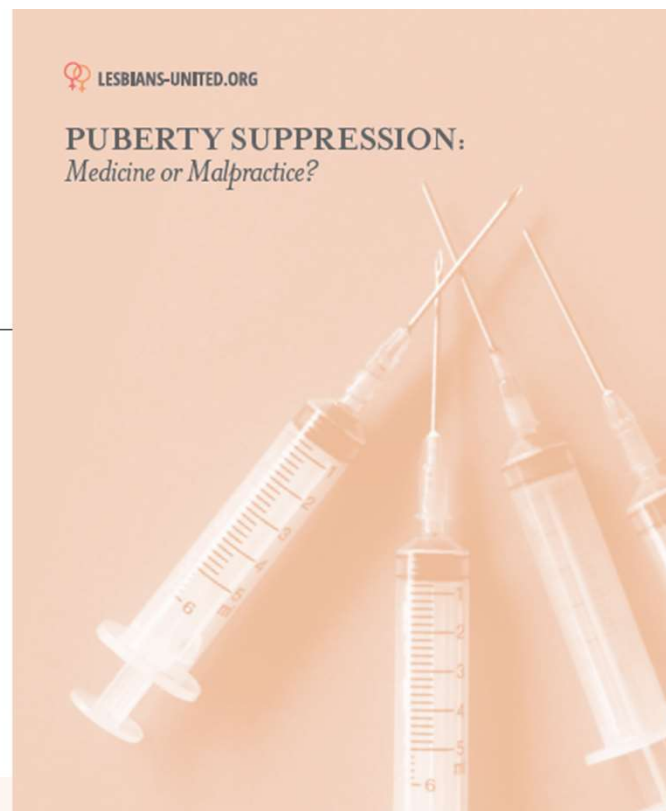
Pacientes vitalícios

O Estudo realizou uma revisão baseada em mais de 300 fontes, sendo a maioria periódicos revisados por pares.

Summary of Findings

Substantial evidence from peer-reviewed scientific studies, case studies, and clinical trials suggests that puberty-blocking drugs can negatively affect the skeleton, cardiovascular system, thyroid, brain, genitals, reproductive system, digestive system, urinary tract, muscles, eyes, and immune system. Particularly urgent concerns for adolescents treated with puberty-blocking drugs are loss of bone mineral density and increased risk of osteoporosis; potential for decreased IQ and other cognitive deficits; increased risk of depression and suicidal thoughts; and stunted sexual and reproductive development.

Evidence suggests that many of these effects are wholly or partially irreversible.

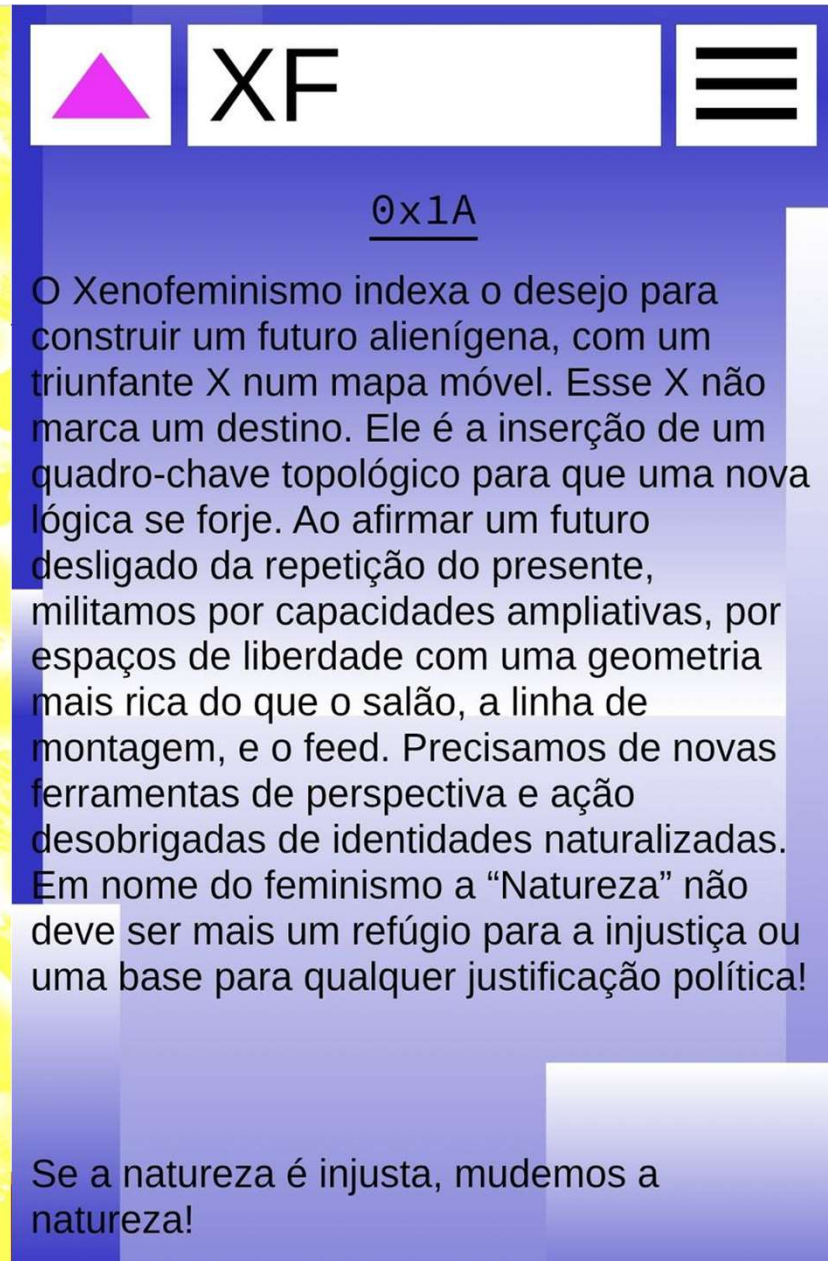


O Caso WPATH – Associação Mundial de Profissionais para a Saúde Trans

- Standards Of Care 8 (2022), Identidade Eunuco e Eunuch Archives.
- Fetiche de castração e sua institucionalização envolvendo crianças.
- Repercussão no Brasil – Preciado, Transfeminismo e elogio a essa “tecnologia de gênero”.
- Tudo passa a ser denominado “tecnologia”. De forma que tanto o uso de uma pílula anticoncepcional, quanto a colocação de um brinco, quanto a extirpação de um órgão, são denominados “tecnologias”.
- Se tudo é tecnologia, nada é, e nada pode ser avaliado em si, nem valorado eticamente. O resultado é que se “tecnologias de gênero” já estão sendo utilizadas, então todas as demais coisas denominadas dessa forma, que existem e vierem a ser inventadas, também são válidas.
- Banalização utilitária do conceito de autonomia e consenso (permeia toda essa agenda).
- Até então, as feministas criticavam a indústria estética e analisavam valorativamente o conteúdo e as implicações de cada tecnologia sexual/reprodutiva, tais como as diversas pilulas anticoncepcionais, clonagem humana, fertilização etc. Registros históricos dessa crítica estão em Feminist International Network of Resistance to Reproductive Engineering (FINRRAGE).

Manifesto Xenofeminista (2014)

Manifesto aceleracionista em defesa do tecnomaterialismo e do antinaturalismo, foi traduzido para 18 idiomas. Considerado um fenômeno dentro e fora da academia, é tratado como uma referência vanguardista para o Século XXI.



Transhumanismo

- Aspectos de uma religião emergente: idealismo acerca da natureza humana / propósito de elevação e superação tecnológica de limites biofísicos / crença na imortalidade / dogmatismo e imposição da crença e sentimentos aos demais. Terasem.
- Incompatibilidade ecológica: corpos errados, natureza errada.
- Novo binarismo imposto: todos os seres humanos divididos em cis e trans, não mais em feminino e masculino. Adulterar o significado compartilhado de sexo, até que se torne irrelevante socialmente.
- Não existe sexo biológico, é apenas uma “assignação” ideológica. Legislação argentina -“assignação compulsória do sexo”.
- A defesa da identidade de gênero em lugar do sexo é janela de oportunidade para a institucionalização transhumanista.
- Porcos geneticamente modificados (United Therapeutics). Permissão da pesquisa experimental de quimeras, nas quais o DNA de humanos é hibridizado com o de não humanos (Japão). Fertilização In Vitro e Barriga de Aluguel como novos padrões.

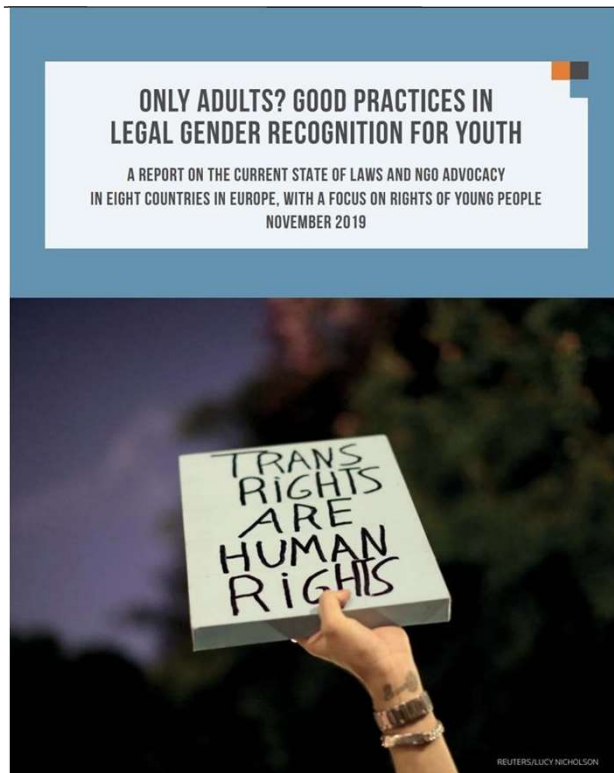
Feminismo Ciborgue

- Donna Haraway – “*Bodies, then, are not born; they are made*”. As percepções seriam errôneas porque o que importa é a subjetividade e o que ela sente e informa.
- O que vemos não é real. “Invalidação da existência” enquanto invalidação de uma visão subjetiva de mundo.
- Elogio acrítico ao Biohacking (termo dos anos 2000). Coisas distintas sob a mesma palavra: precarização, medicina tradicional e desejos transhumanistas e capitalistas.
- Preciado - testosterona como um xamã, “direito” a mudar o corpo fora do ambiente médico, desejo individual de modificação corporal naturalizado como uma condição de “imigrante ilegal”, narcisismo.

Captura da Agenda

- Agenda feminista até então: Abolição do gênero (estereótipos) / abolição da prostituição / abolição da pornografia / abolição da barriga de aluguel / abolição da maternidade compulsória
- Agora... abolição do corpo? Pós-corpo? Abolição de restrição aos desejos sexuais masculinos?
- As mulheres subitamente passam a ser questionadas sobre sua identidade sexual (não genérica), quando a agenda era outra.
- O espaço da liberdade sexual era desconhecido para as mulheres. Politicamente, a teoria queer é útil porque entrega às mulheres a **terminologia do desejo masculino como se fosse a terminologia da liberdade**. Dirão que é a nova agenda feminista e além disso, que existem “outros sujeitos” que lideram melhor essa luta (Amélia Valcárcel).
- Queer como uma deriva / consequência não desejada do feminismo (Amélia Valcárcel).
- Teoria Queer tem o mérito de ser a primeira teoria voltada aos homens gays. Mas gays são homens.

Lobby e Institucionalização



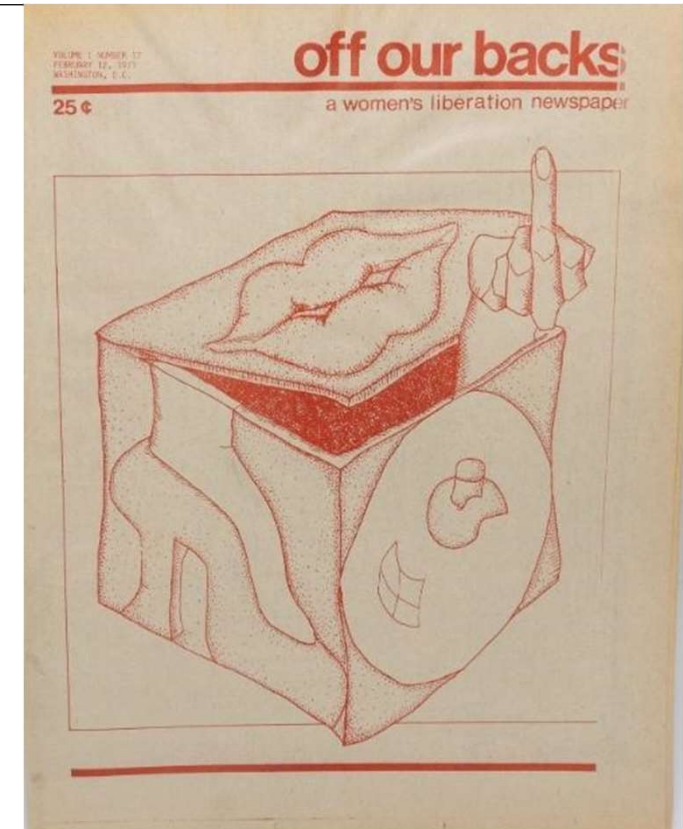
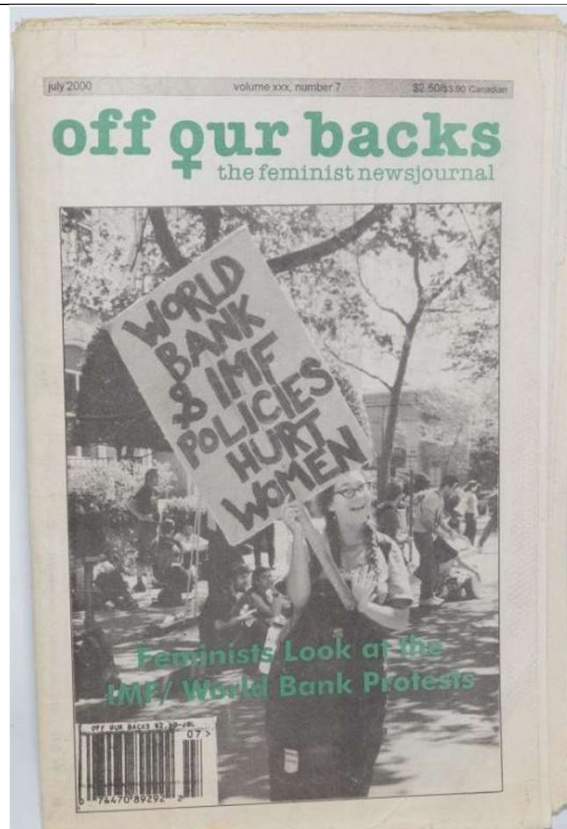
- Exemplo de documento *pro bono*, feito pelo maior escritório de advocacia do mundo para apoiar as ações de ONGs e partidos.
- Boas práticas para legislação internacional e *advocacy*.
- Eliminar o consentimento dos pais, em prol do "bem-estar" da criança.
- Atrelar a redução de idade para transição de gênero a pautas bem aceitas socialmente, como casamento homoafetivo.
- Não publicizar, pois a "população não entende".

Sadomasoquismo e Erotização da Subordinação

- Sheila Jeffreys – Unpacking Queer Politics e Penile Imperialism. Desejos (masculinos) convertidos em direitos
- Houve intensa campanha para que fetiches, antes vistos como parafilias, fossem normalizados e “despatologizados”.
- Ao mesmo tempo, discurso de que tudo que acontece privadamente, com “consenso”, não deve ser problematizado, houve campanha para que práticas não fossem vistas como crime.
- Em vez de ser algo privado e sem significância política, é a atuação clara e brutal das relações de poder da dominação masculina.
- O mesmo tipo de “consenso” liberal que vem sendo aplicado a crianças que supostamente desejam “mudar o seu sexo”.
- Por outro lado, em todas as outras esferas, a política é tratada como algo pessoal. As palavras são criminalizadas, as roupas são problematizadas, o que uma pessoa vê na sua frente como um homem ou uma mulher, é policiado.
- Passamos do “o pessoal é político para a política é pessoal” (identitismo). Por outro lado, as crianças podem consentir em bloquear sua puberdade e têm que ser apenas “afirmadas”, as mulheres podem consentir em ser “trabalhadoras sexuais” e “trabalhadoras gestacionais” como um trabalho qualquer.
- O que aparenta ser uma contradição se revela apenas uma manipulação utilitária da racionalidade e da política.

Olhar Feminista – Erotização da Equidade

Revista feminista radical Off Our Backs (1970)



Volume III, Number II
October, 1972
Washington, D.C.

off our backs

a women's news journal

35¢

inside: survival-- women in danger

work
p.2&3



VOLUME I, NUMBER 15
DECEMBER 31, 1970
WASHINGTON, D.C.

off our backs

a women's liberation bi-weekly

25¢



SISTERS RISE UP

special edition on women and imperialism:
an initial step toward realizing our common struggle

volume IV number 6
May 1974
Washington, D.C.

off our backs

a women's news journal

45¢



inside: a mother's
day message ... molly
haskell interview ... a
hearings on abortion ... a
women's weekend ... and more...

volume vii number 2
march 1977
washington d.c.

off our backs

60¢

a women's news journal



inside:

women on
the land

study groups

'estrogens
forever'

maxine
feldman

of woman
born

shoulder to
shoulder

Volume III Number 10
September 1973
Washington D.C.

off our backs

35¢

a women's news journal



yellow table susan mc neely

inside: filthy pictures- women's erotic art
feminist counseling ... d.c. abortion clinics

Volume III Number 5
January 1973
Washington D.C.

off our backs

35¢

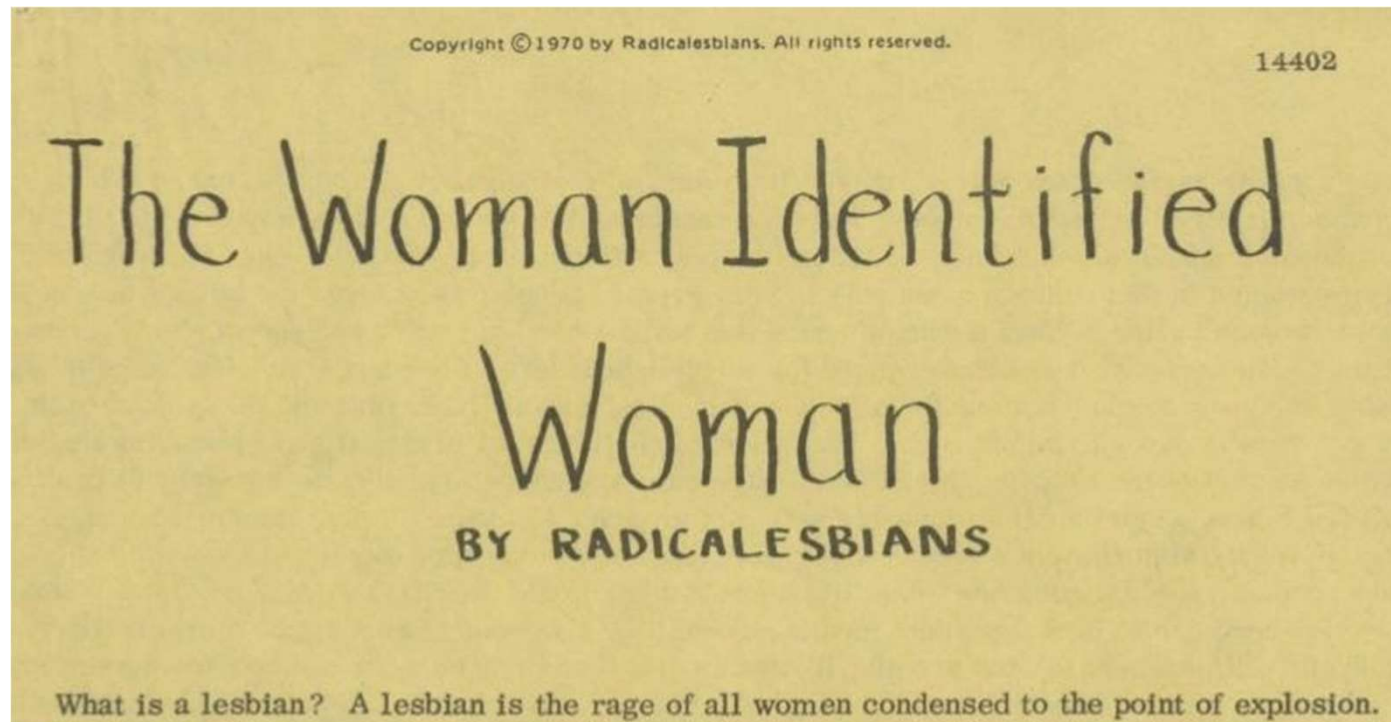
a women's news journal

inside: eugenics ... behavior control ... science fiction? p. 2&3
culture(s) pullout: manners, quilts
downer trial p.7 prisons p.4&5



Feminist Sex Wars

Manifesto feminista radical (1970)

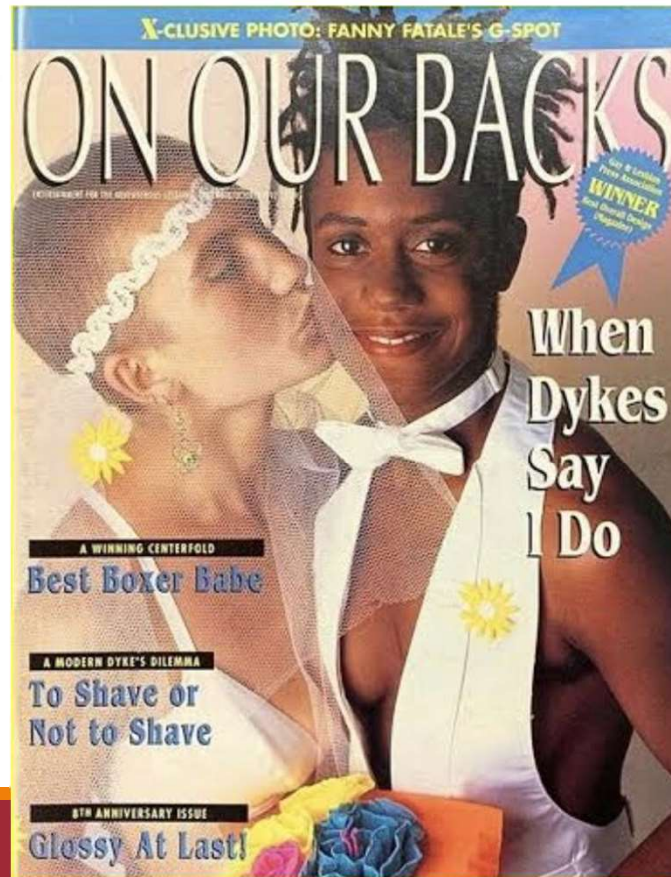


Feminist Sex Wars

Revista erótica lésbica (1984) – on
our backs



arm cuffs, connecting belt, and forearm sheath, \$118



1: pants with lambskin laced outseams, \$368;
2: jacket with lambskin laced back, \$580

sex couture

Bound in Leather

It's every dyke's dream to be clad in leather. Forever a fetishized accessory or image enhancer, leather remains a symbol of underground lusts, realized fantasies, and innovation in fashion. This leather apparel lets its wearer out of her cage. —yh



3: pants with lambskin laced outseams, \$368;
4: elbow-length gloves with silk lining, \$195;
\$145



Revista erótica lésbica (1984) – on our backs

“uma lésbica é a luxúria de todas as mulheres condensada até o ponto de explosão”

IS SM ON THE WAY OUT?

**AS QUEERS BECOME
ASSIMILATED, LEATHERDYKES
WORRY THAT WE'RE NEXT.**

BY LORI SELKE

Fifteen years ago, sadomasochism was an underground lifestyle, and lesbian SM a hotly contested issue. Now, ads for cigarettes, software, and breath mints have co-opted SM imagery. Lesbian chic has come and (hopefully) gone, and Madonna, that great appropriator of “exotic” cultures, consumed and discarded bondage and discipline years ago. Instead of closed parties and secret societies, we have public clubs and leather restraints at the mall. What does this mean for the SM community? As SM continues to grow, will it, paradoxically, cease to exist?

**ACTION F
VERY, VERY E
REAL ACTION! T
S&M and B&D
SPANKING
FEM-DOM
SHAVING
and
KYM WILDE'S
“ON THE EDGE”
“VIRGIN KINK”
SERIES
plus
ALL-MALE
SPANKING
S&M and B&D**

ISH



Desejos Masculinos e Backlash Patriarcal

- Revistas de Saúde da Mulher ensinando a ser espancada ou ser enforcada “com segurança”. Mulheres que têm maridos como “mestres dominadores” que decidem sobre sua vida. Crianças envolvidas.
- Em 30 anos, caminhamos no sentido de normalizar a violência e subordinação sadomasoquistas, o “direito” a cirurgias estéticas, o “direito” a ser “trabalhadora sexual”, a ser “trabalhadora gestacional”, e a bloquear sua puberdade.
- No mesmo período, não conseguimos coisas básicas, como creche universal e de qualidade, aborto legal e seguro. Feminicídios, estupros e casamento infantil seguem alarmantes.
- Governos impedem mulheres de estudarem, trabalharem, cantarem, dançarem e aparecerem em público, de vestirem roupas que mostrem partes de seu corpo, de cantarem em público, sob pena de serem apedrejadas e mortas, e essas mulheres foram abandonadas pelo relativismo cultural pós-moderno.

Apropriação da Maternidade

- Patricia Merino Murga: nos patriarcados consolidados, o poder materno já está completamente apagado.

Apolo, filho de Jupiter: “Não é a mãe que gera o que chamam seu filho, senão ela somente nutre o gérmen semeado em suas entranhas. Quem com ela se une é o que engendra. A mulher é como hospedaria que recebe em hospedagem o gérmen de outro e o guarda. (...) Que um pai sem a mãe pode gerar... Temos aqui presente, como prova, Palas, filha de Zeus, que nenhum ventre Guardou antes de vir à luz do mundo” Oréstia de Équilo, séc. IV a.C.

Código de Hamurabi: o homem escolhe se vai nomear seus os filhos que a escrava deu à luz, assim como os da esposa.

- Por um breve momento histórico, mulheres conquistaram prioridade sobre a guarda, e já estão sendo destituídas dessa autoridade, por diversos meios. Lei de Alienação Parental, barriga solidária, barriga de aluguel etc.

Banalização da maternidade

- Paradigma queer: a maternidade se torna apenas mais um dos elementos que podem ser “performados” por um corpo e, portanto, a capacidade reprodutiva se torna um elemento passível de ser vendido ou um recurso a ser extraído.
- Janice Raymond: mulheres são socializadas para a doação da energia, do corpo, do sexo, de presentes, para satisfazer desejos alheios.
- Autoridade da mãe, dignidade, direitos reprodutivos e autonomia do corpo abdicadas contratualmente. Autonomia para abdicar da própria autonomia.
- Homens podem expandir seu poder contratualmente, com maior facilidade, não precisam ir à guerra ou usar a força. Bilionários comprando dezenas de bebês.
- Transhumanismo e capitalismo: celebridades usando barriga de aluguel para não alterarem o seu corpo.

Utopia Queer

- Sophie Lewis, se diz marxista e usa o referencial pós-moderno e xenofeminista, e reduz a gestação a um trabalho, e a algo inerentemente perigoso, antinatural para humanos.
- Ainda que possa haver energia, denominar essa energia trabalho e reduzir a gestação a isso, é transformar o corpo das mulheres em máquina.
- As mulheres, agora apenas uma identidade como as demais, podem gestar filhos para todos, além de realizar trabalhos de cuidados. A condição material piora e a linguagem oculta.
- Casais homoafetivos desejando “bebês sem mãe” e “bebês sem pai”.
- Não existe um horizonte onde a reprodução social está no centro e onde as mulheres podem convocar homens sob demanda para cooperar nesse trabalho.

Comodificação da Reprodução

- Tecnoeuforia explícita ao dizer que é utópico um futuro de placentas extracorpóreas coletivas, crianças com a puberdade interrompida e “trabalhadoras gestacionais”.
- Normalização da desconexão mulher-corpo, mãe-feto, associando o feto a um tumor, e minimizando o impacto do aborto, em prol da indústria transhumanista. Aborto como uma necessidade da indústria e uma celebração da artificialização da vida, e não como uma questão pertinente a saúde, segurança e dignidade das mulheres.

Mulheres tailandesas resgatadas de fazenda humana comandada por máfia chinesa

As mulheres recebiam injeções de hormônios e seus óvulos eram retirados a cada mês. Foram atraídas para a Geórgia para serem Barrigas de Aluguel, onde a prática é legalizada.

Urgent help sought for 100 Thai women forced into human egg farm in Georgia

📅 MONDAY, FEBRUARY 03, 2025



Debate Populacional



Revealed: Elon Musk is spending millions on 'population collapse' research

Written by Olivia Nater | Published: September 22, 2023



Elon Musk  
@elonmusk · [Follow](#)



Doing my best to help the underpopulation crisis.

A collapsing birth rate is the biggest danger civilization faces by far.

11:04 AM · Jul 7, 2022

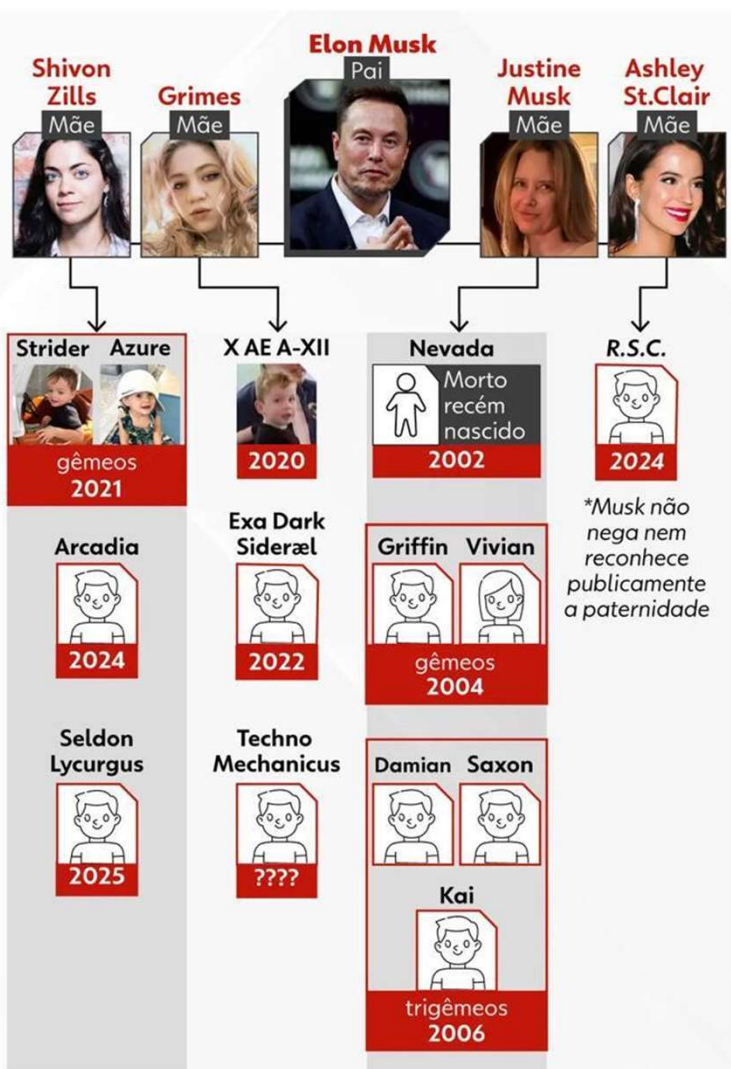


Elon Musk tem, até o momento, 14 filhos, sendo 9 por meio de fertilização *in vitro*, e pelo menos 2, por meio de barriga de aluguel.

Assim como é explícito no seu gesto nazista e na defesa do capital tecnoutópico, também é explícito com relação ao modelo patriarcal que está defendendo, e que deseja que as pessoas emulem.

A grande família de Elon Musk

Bilionário teve 14 filhos com 4 mulheres



Como é comum no patriarcado, Elon Musk reconhece alguns filhos e outros não, bem como, explicita sua preferência por filhos do sexo masculino, o que agora pode ser feito de forma higienizada, por meio das novas tecnologias.

O sexo masculino foi escolhido para todos os seus filhos concebidos por reprodução artificial.

Resistir e parodiar: Vivian, do sexo masculino, usa da tecnologia patriarcal e da indústria capitalista para se rebelar contra a escolha artificial e patriarcal do pai.



Novos Mercados e Consolidação do Novo Patriarcado

Apple and Facebook offer to freeze eggs for female employees

Facebook will pay up to \$20,000 while Apple will provide perk from January in effort to attract more women

Mark Tran

Wed 15 Oct 2014 09:57 BST

O Capital não perde a fase mais produtiva da mulher e impulsiona a crise dos cuidados, usando as novas tecnologias para lidar com o dilema reprodução/produção.

BUSINESS INSIDER



TECH

What you need to know about egg-freezing, the hot new perk at Google, Apple, and Facebook

Chris Weller Sep 17, 2017, 11:30 AM BRT

Share

Save

Read in app



A artificialização: novos mercados e novos padrões

- Estimativas de consultorias de mercado variam muito, mas todas apontam uma indústria com grande potencial de crescimento anual sustentado.
- Relatório de fevereiro desse ano estima o tamanho do mercado global de barriga de aluguel em USD 19 bi, podendo chegar a USD 86,45 bi em 2032 (Heghe & Siroen, 2025).
- Já relatório de setembro do ano passado estima o mercado em USD 21,8 bi, com potencial de crescimento de até USD 195,9 bi até 2034, representando um crescimento anual de 24,53% (PRECEDENCE, 2024).
- O relatório ressalta que a IA tem sido usada para ajudar na escolha do melhor embrião. Eugenia e capacitismo.

Conclusão

- Desde uma perspectiva histórica, os objetivos maiores e correspondentes a uma base econômica, são:
 - Ter maior controle da reprodução social
 - Consolidar um novo patriarcado melhor adaptado às sociedades laicizadas e de alta tecnologia
 - Desarticular o feminismo por dentro, apagando o sexo, e portanto, a possibilidade de resistência ao controle da capacidade reprodutiva e à extração de mais-valia indireta pelo trabalho de reprodução social.
- Necessidade de uma luta calcada no materialismo, no humanismo, no universalismo e na bioética feminista
- Debate tecnológico feminista, para além do debate sobre propriedade da tecnologia
- Reestabelecimento da importância social e política do sexo e continuidade da agenda feminista
- Reestabelecer a importância da maternidade no centro do feminismo.
- Nem toda mulher é mãe, mas todas as pessoas nascem de uma mulher.

Referências

- BBC. Free Child Care in The US: a forgotten dream? **BBC**. Fevereiro de 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/magazine-31051633>.
- BINETTI, M.; CRUZ, V.; SICERONE, D. El Transhumanismo de Paul B. Preciado: sobre las ficciones antirrealistas del Manifiesto contrasexual. **Revista de Filosofia**, ano 53, n. 151, jul-dec 2021, p. 410 – 441.
- BRODRIBB, Sommer. **Nothing Mat(t)ers: a feminist critique of postmodernism**. North Melbourne: Spinifex, 1992
- BUTLER, Judith. **Undoing Gender**. Londres: Routledge, 2004.
- BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.
- DALY, Mary. **Gyn/Ecology: the metaethics of radical feminism**. Boston: Beacon Press, 1990 (1ª ed. em 1978).

- EKMAN, Kajsa. **Being and Being Bought: prostitution, surrogacy and the split self**. North Melbourne: Spinifex, 2013.
- FINRRAGE. **Feminist International Network of Resistance to Reproductive and Genetic Engineering**. Second Edition, November 1995.
- G1. **Elon Musk teve 14 filhos de 4 mulheres**: saiba quem é quem na vida familiar do bilionário. G1 Tecnologia. Globo, março de 2025.
- HARAWAY, Donna. **Simians, Cyborgs, and Women**. New York: Routledge, 1991.
- HAWTHORNE, Susan.; KLEIN, R. **Cyberfeminism**. North Melbourne: Spinifex, 1999.
- HEGHE, Jeroen Van; SIROEN, Christine. **Surrogacy Market Size, Share and Growth Analysis, by Type (Gestational Surrogacy, Traditional Surrogacy), by Technology (IVF with ICSI, IUI, IVF without ICSI), by Region – Industry Forecast 2025-2032**. Market Research Report. SkyQuest, fevereiro de 2025.
- IRIGARAY, Luce. **An ethics of sexual difference**. Nova York: Cornell University Press, 1993.
- JAMIESON D. The poverty of postmodernist theory. **University of Colorado Law Review**, v. 62, n. 3, p. 577–595, 1991.
- JEFFREYS, Sheila. **Penile Imperialism: The Male Sex Right and Women's Subordination**. North Melbourne: Spinifex, 2022.
- JEFFREYS, Sheila. **The Lesbian Heresy**. North Melbourne: Spinifex, 1993.
- JEFFREYS, Sheila. Transgender Activism. **Journal of Lesbian Studies**, v. 1, n. 3-4, 1997, p. 55-74, DOI: 10.1300/J155v01n03_03.
- JEFFREYS, Sheila. **Unpacking Queer Politics**. Cambridge: Polity, 2002.

- LEWIS, Sophie. **Full Surrogacy Now**. London: Verso, 2019.
- LEWIS, Sophie. International Solidarity in reproductive justice: surrogacy and gender-inclusive polymaternalism. **Gender, Place & Culture**, 2018. DOI: 10.1080/0966369X.2018.1425286.
- MAGDA, Rosa Maria Rodríguez. **La Mujer Molesta: Feminismos Post-Género y Transidentidad Sexual**. Cataluña: Editorial Ménades, 2019.
- MAGDA, Rosa Maria Rodríguez. **Transmodernidad**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2004.
- MIES, Maria. **Patriarcado e Acumulação em Escala Mundial**: mulheres na divisão internacional do trabalho. São Paulo: Editora Timo, 2022 [1986, 1 Ed].
- MIYARES, Alicia. **Delirio y Misoginia Trans**: del sujeto transgénero al transhumanismo. Madrid: Los Libros de La Catarata, 2022.
- OLIVEIRA, F. e MOTA, J. **Dossiê Bioética e as mulheres**: por uma bioética não-sexista, anti-racista e libertária. Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos, 2002.
- OLIVEIRA, F., FERRAZ, T. e FERREIRA, L. Idéias feministas sobre bioética. **Revista Estudos Feministas**, 2º semestre de 2001, p. 483-511.
- PRECEDENCE Research. Surrogacy Market Size, Share and Trend 2024 - 2034. Setembro de 2024.
- PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrasexual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022 [2000, 1ª Ed.].
- PRECIADO, Paul B. **Texto Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Rio de Janeiro: Zahar, 2023 [2018, 1ª Ed].

- RAYMOND, Janice. Reproductive Gifts and Gift Giving: The Altruistic Woman. **The Hastings Center Report**, v. 20, n. 6, pp. 7-11, Nov. - Dec., 1990.
- RAYMOND, Janice. **Reproductive Technologies and The Battle Over Women's Freedom**. North Melbourne: Spinifex, 1993.
- RAYMOND, Janice. **Women as Wombs**. North Melbourne: Spinifex, 1995 [1993, 1 Ed].
- ROTANIA, Alejandra. **A Celebração do Temor**: Biotecnologias, Reprodução, Ética e Feminismo. Rio de Janeiro: E-papers, 2001.
- SALLEH, Ariel. An ecofeminist bio-ethic: and what post humanism really means. **New Left Review**, n. 217, p. 138–147, 1996.
- SALLEH, Ariel. **Ecofeminism as Politics**. London: Zed Books, 1997.
- SALLEH, Ariel. Essentialism and Ecofeminism. **Arena** 94, p. 167–173, 1991.
- TERRA. **Filha Trans de Elon Musk critica bilionário por escolher sexo dos filhos por fertilização in vitro**. Redação Terra, março de 2025.
- THE NATION. Urgent help sought for 100 Thai women forced into human egg farm in Georgia. **The Nation**. Tailândia, 03 de fevereiro de 2025. Disponível em: <https://www.nationthailand.com/news/general/40045862>.
- VALCÁRCEL, Amélia. **Ahora, Feminismo: cuestiones candentes y frentes abiertos**. Valência: Universitat de València, 2019.
- VALCÁRCEL, Amélia. **La Civilización Femenista**. Madrid: La Esfera de los Libros, 2023.
- VALCÁRCEL, Amélia. **Pensar el feminismo y vindicar el humanismo**: mujeres, ética y política. València: Publicacions de la Universitat de València, 2020.

Obrigada!

Isabela Prado Callegari

Pc.isabela@gmail.com